



Tensionamentos entre internacionalização acadêmica e inserção social: análise exploratória de uma jovem universidade federal do interior de Minas Gerais (Brasil)

Tensiones entre internacionalización académica e inserción social: análisis exploratorio de una joven universidad federal en el interior de Minas Gerais (Brasil)

Tensions between academic internationalization and social insertion: exploratory analysis of a young federal university in the interior of Minas Gerais (Brazil)

CARLETTE THIENGO, Lara¹

Carlette Thiengo, L. C. (2023). Tensionamentos entre internacionalização acadêmica e inserção social: análise exploratória de uma jovem universidade federal do interior de Minas Gerais (Brasil). *RELAPAE*, (19), pp. 30-44.

Resumo

O artigo discute a organização e os sentidos da internacionalização na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), enquanto uma instituição federalizada há menos de duas décadas, localizada no interior de Minas Gerais, em uma das regiões mais vulneráveis socioeconomicamente do estado. A análise é empreendida considerando as especificidades da instituição e sua missão em termos de inserção social em paralelo às tendências internacionais e as políticas de educação superior endereçadas à internacionalização na última década. Para tal, lançou-se mão da análise de documentos e dados, considerando documentos institucionais, como os Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI), dados de mobilidade estudantil, bem como levantando de literatura sobre o tema. Em termos conclusivos, entende-se que o processo de internacionalização da instituição é ainda inicial e ocorre de maneira difusa, pouco atrelado à identidade da instituição.

Palavras-chave: Internacionalização, educação superior, Brasil

Resumen

El artículo discute la organización y los significados de la internacionalización en la Universidad Federal de los Valles de Jequitinhonha y Mucuri (UFVJM), como una institución federalizada con menos de dos décadas de antigüedad, ubicada en el interior de Minas Gerais, en una de las regiones más vulnerables socioeconómicamente del estado. El análisis se realiza considerando las especificidades de la institución y su misión en términos de inclusión social en paralelo a las tendencias internacionales y las políticas de internacionalización de la educación superior en la última década. Para ello, se utilizó el análisis de documentos y datos, considerando documentos institucionales como los Planes de Desarrollo Institucional (PDI), datos de movilidad estudiantil, así como la revisión de literatura sobre el tema. En conclusión, se entiende que el proceso de internacionalización de la institución está aún en sus etapas iniciales y se produce de manera difusa, con poca conexión con la identidad de la institución.

Palabras clave: Internacionalización, educación superior, Brasil.

Abstract

The article discusses the organization and meanings of internationalization at the Federal University of the Valleys of Jequitinhonha and Mucuri (UFVJM), as a federalized institution less than two decades old, located in the interior of Minas Gerais, in one of the most socioeconomically vulnerable regions of the state. The analysis is undertaken considering the

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil / lara.carlette@ufvjm.edu.br / <https://orcid.org/0000-0003-3593-4746>

specificities of the institution and its mission in terms of social inclusion parallel to international trends and policies for higher education internationalization in the last decade. For this, the analysis of documents and data was used, considering institutional documents such as Institutional Development Plans (PDI), student mobility data, as well as literature on the topic. In conclusion, it is understood that the institution's internationalization process is still in its early stages and occurs in a diffuse manner, with little connection to the institution's identity.

Keywords: Internationalization, Higher Education, Brazil.

Introdução

As expressivas modificações na educação superior ocorridas nas últimas três décadas foram pautadas pelo referencial neoliberal, no âmbito da mundialização do capital em sua fase de predominância financeira e das novas formas de governança educacional. Assim, as reformas nos sistemas de educação superior que ocorrem em todo mundo tiveram/têm como características: nova regulação institucional; a substituição, nas políticas universitárias, de um modelo de desenvolvimento econômico nacional pelos interesses específicos do mercado; a maior diferenciação institucional; centralidade da inovação a partir de centros de excelência e a ênfase na internacionalização (Thiengo, 2018; Ferreira, 2019).

Nesta perspectiva, autores como Knight e De Wit (2018), Leal (2020), Morosini (2011), dentre outros, afirmam que: seja em nível global, regional, nacional, institucional ou individual, a 'internacionalização da educação superior' é um dos fatores que mais tem afetado a educação superior no mundo. Embora não seja um fenômeno recente, o processo de internacionalização da educação superior ainda é um conceito de difícil definição pela sua amplitude, abrangência e diversidade de significados. O fenômeno não se resume ao mero deslocamento de pessoas e relações entre IES e países, sendo um processo social complexo que envolve conceitos, estruturas, valores, culturas e significados diversos, e que traz importantes implicações econômicas, políticas, sociais e culturais para os países, as instituições e as pessoas nele envolvidas.

No Brasil, as políticas de internacionalização ganharam ênfase na década de 2000, com o Ciência sem Fronteiras (CsF), criado em 2011 (que atendeu mais de 100 mil estudantes e pesquisadores, da graduação ao pós-doutorado), e mais recentemente, com o Capes-Print², criado em 2017 para 'substituir' o CsF. Conforme Morosini

No Brasil, a internacionalização da educação superior vem carregada de tensões entre uma postura global e uma postura local. Mesmo que a incidência da produção no país seja pequena, carrega uma visão positiva e possibilita prever o crescimento da importância da internacionalização na educação. Esse fato é acirrado pela força do Estado nas determinações do Ensino Superior no país e se reflete nos marcos regulatórios nacionais. Pode-se citar a internacionalização como critério basilar para a avaliação de qualidade em programas de pós-graduação de excelência; movimentos para que a internacionalização se torne critério de qualidade na avaliação de instituições e cursos de graduação no bojo dos Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e, ainda, as determinações do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 (BRASIL, 2014) quanto à internacionalização para o futuro próximo da nação brasileira. (Morosini, 2017, p.2)

Considerando este contexto mais amplo em que localizamos a internacionalização acadêmica, neste artigo, buscamos compreender a organização e os sentidos da internacionalização na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), enquanto uma instituição 'jovem' e localizada no interior do estado de Minas Gerais. Orientamo-nos, pois, a partir da perspectiva da totalidade – a relação do particular com geral, considerando as especificidades da IES, mas também as tendências internacionais que vêm conformando as políticas de educação superior endereçadas à internacionalização nas últimas décadas.

Em termos de justificativa, é importante frisar que o próprio tema da 'internacionalização da educação superior' segue pouco explorado em termos teóricos (Leal, 2020). Também Maués e Bastos (2017) afirmam que a análise da internacionalização no ensino superior precisa contemplar aspectos importantes que ainda não foram estudados em nossas universidades, como dados empíricos qualitativos, olhando mais especificamente para a implementação das políticas nas instituições. Especificamente sobre a internacionalização na UFVJM, cabe destacar que, a partir de levantamento de literatura realizado nas bases *Repositório da Institucional da UFVJM*; *periódicos da Capes* e *Google*

² Os objetivos do Print são: fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições em áreas do conhecimento prioritizadas; estimular a formação de redes de pesquisas internacionais; ampliar as ações de apoio à internacionalização da pós-graduação; promover a mobilidade de docentes e discentes; provocar transformações das instituições participantes em um ambiente internacional. Dentre as ações previstas e financiadas, via editais, destacam-se: missões de trabalho no exterior; bolsas no exterior; professor visitante júnior; professor visitante sênior; bolsas no país: jovem talento, pós-doutorado, entre outras possibilidades. Segundo Leal (2020), o Print é elaborado a partir de críticas ao CsF, como consta em relatório da Diretoria de Relações Internacionais da CAPES sobre o estado do conhecimento da internacionalização nas universidades brasileiras. O cenário em que ambos os Programas são lançados é de crescente pressão pela internacionalização da educação superior e acirramento da competitividade dos/entre países, blocos e universidades – e no interior destas, intra e entre áreas! - para responder às demandas do mercado e garantir a inserção na chamada "economia/sociedade do conhecimento"

acadêmico, foi localizada apenas uma dissertação³ tematizando a internacionalização na instituição, o que também ratifica a relevância deste texto.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi elaborada a partir da abordagem qualitativa, de aprofundamento e investigação teórica, mapeamento e análise documental, buscando a essência do fenômeno, aquilo que está por detrás da aparência, ou seja, o caráter conflitivo, dinâmico e histórico da realidade (Frigotto,1991). Partindo dessas considerações, o *corpus* teórico-empírico da pesquisa foi constituído por duas dimensões, sendo elas: levantamento de literatura e o mapeamento e análise de documentos públicos e dados disponibilizados pela Diretoria de Relações Internacionais da instituição (até 2021)⁴.

A internacionalização da educação superior: alguns elementos

Morosini (2011) afirma que há diversas fases de desenvolvimento da internacionalização da educação superior, sendo elas: a) dimensão internacional – presente no século XX, que se caracteriza por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) educação internacional – atividade organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a Segunda Guerra Mundial e o término da Guerra Fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) internacionalização da Educação Superior, posterior à Guerra Fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na Educação Superior.

Considerando a fase atual de desenvolvimento da internacionalização, Knight (2012) afirma que:

Para alguns, significa uma série de atividades internacionais, como mobilidade acadêmica de estudantes e professores; estabelecimento de redes, parcerias e projetos internacionais; novos programas acadêmicos e iniciativas de pesquisa internacionais. Para outros, significa oferecer educação a outros países por meio de novos tipos de arranjos, tais como filiais ou franquias, com uso de uma variedade de técnicas nas modalidades presencial e a distância. Para muitos, significa incluir uma dimensão internacional, intercultural ou global no currículo e no processo de ensino-aprendizagem. Outros ainda concebem a internacionalização como meio para melhorar as classificações nacionais ou mundiais de sua instituição nos *rankings* ou para recrutar os melhores e mais brilhantes acadêmicos internacionais. (p. 22)

Há também compreensões que visam localizar a internacionalização da educação superior em relações sociais e econômicas mais amplas, como Marginson e Rhoades (2002), que definem Internacionalização como a globalização do ensino superior, considerando o desenvolvimento do aumento de sistemas educacionais integrados e as relações universitárias além da nação.

Em linhas gerais, Leal (2020) elabora uma síntese interessante sobre como vem sendo compreendida e definida de diferentes formas a internacionalização da educação superior: 1) dinâmica de mobilidade acadêmica de estudantes e professores; 2) estabelecimento de redes internacionais, parcerias e projetos; 3) oferta de educação para outros países por meio de arranjos como franquias presenciais ou à distância; 4) inclusão de uma dimensão internacional no currículo e no processo de ensino-aprendizagem; 5) meio de melhorar o ranqueamento das instituições a fim de recrutar talentos internacionais.

Ainda conforme Leal (2020), a internacionalização pode representar uma resposta positiva frente à globalização neoliberal, promovendo um intercâmbio multilinear, valorizando a intercultural, a diversidade e explorando as diferenças existentes visando alcançar benefícios conjuntos. Porém “a ‘globalização’ promove um modelo de homogeneização cultural, social, política e tecnológica para viabilizar maior integração e interdependência” (Leal, 2020, p. 65). Cria-se, assim, uma supremacia de algumas instituições e países sobre outros.

A despeito do potencial enriquecimento cultural e científico dos processos de mobilidade acadêmica, o capital, em sua dinâmica de mercadorização da vida, tem a educação, a educação superior e os processos de internacionalização como as “bolas da vez”.

³ Até 2021.

⁴ Considerando a duração da pesquisa e dados disponibilizados pela DRI/UFVJM

Contudo, esse processo também pode acarretar desafios em relação à inclusão social. A busca pela renomeação global pode resultar na alocação concentrada de recursos em programas voltados para pesquisa e mobilidade internacional, em detrimento de uma educação acessível e de qualidade para todos os segmentos sociais. Isso tende a aprofundar a disparidade entre aqueles com acesso a oportunidades internacionais e aqueles sem (Thiengo, 2018). Ademais, a adoção de modelos curriculares e padrões internacionais pode negligenciar particularidades culturais e necessidades locais. A falta de incorporação de perspectivas regionais pode reduzir a pertinência da educação superior para a sociedade na qual a instituição se insere.

Neste cenário, discussões sobre uma internacionalização contra hegemônica tem ganhado espaço, especialmente por parte dos países que não compõem o eixo dinâmico do capital. De acordo com Moraes (2012) e Leal (2020), a internacionalização contra hegemônica é uma abordagem que desafia as dinâmicas tradicionais de poder e influência nas relações internacionais e na internacionalização em contextos acadêmicos. Vão nesse sentido as perspectivas que fortalecem a internacionalização sul-sul, que está ancorada na cooperação e colaboração entre países em desenvolvimento do hemisfério sul, promovendo o compartilhamento de conhecimentos, recursos e experiências para abordar desafios globais e regionais em comum. (Moraes, 2012; Morosini, 2017)

Internacionalização na UFVJM

Passando ao objeto deste artigo - a internacionalização na UFVJM – é importante apresentar brevemente as características desta instituição. A UFVJM foi criada em 2005, a partir da Lei nº 11.173 no Diário Oficial da União, que transformou as Faculdades Federais Integradas de Diamantina (FAFEID) em Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)⁵. Um elemento importante no processo de criação e expansão da UFVJM foi a adesão ao REUNI⁶, criado 2007 pelo Decreto nº 6.096 como parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

Atualmente, com quatro campi, nas cidades de Diamantina, Janaúba, Unai e Teófilo Otoni, e com 20 polos de Educação à Distância, a referida IES abrange as regiões do Jequitinhonha, Mucuri, Noroeste e Norte do estado de Minas Gerais e oferta 46 cursos de graduação e 25 de pós-graduação presenciais e, 5 cursos de graduação e 6 de pós-graduação na modalidade de educação à distância (Ead). Em termos de força de trabalho, a UFVJM conta com efetivo de aproximadamente 810 professores e cerca de 8.439 alunos de graduação presencial e 636 de graduação EaD e 1172 de pós-graduação⁷ (UFVJM, 2020).

É importante frisar que o discurso do desenvolvimento regional esteve presente em todas as fases da política de expansão e de interiorização das Universidades Federais no âmbito do REUNI. Podemos observar que no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)⁸ da UFVJM, elaborado em 2012 e vigente até o fim de 2016, é apresentada como missão institucional o desenvolvimento interno e regional, de modo que “Toda a sua ação universitária está fundamentada na responsabilidade com o estudo e com a solução dos problemas comunitários, sendo o meio regional, o principal foco de suas atividades” (pág. 15) .

O Plano elaborado em 2017 e vigente até 2020, também apresenta propostas focadas em princípio para a comunidade acadêmica interna e as regiões em que a universidade está inserida.

Toda a ação universitária está fundamentada na responsabilidade com o estudo e com a solução dos problemas comunitários, sendo o meio regional o principal foco de suas atividades. (UFVJM, 2017, pág. 14). No seu horizonte temporal futuro, a UFVJM vislumbra uma posição referencial no campo das ciências, no cenário nacional. Pretende

⁵ Em 1953, Juscelino Kubitschek de Oliveira, então presidente do Brasil e natural de Diamantina, fundou a Faculdade de Odontologia de Diamantina. Em 1960, a instituição foi transformada em Faculdade Federal de Odontologia (Fafeod) e em 2002, tornou-se Faculdades Federais Integradas de Diamantina (Fafeid). Passou a oferecer, além de Odontologia, os cursos de Enfermagem, Farmácia, Nutrição e Fisioterapia, na área de Ciências da Saúde, e de Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia, nas Ciências Agrárias. Em 2005, torna-se UFVJM.

⁶ De acordo com Menezes e Andreia (2019, p.3) “O Governo Federal estabeleceu como meta a ampliação da oferta de Educação Superior Pública, almejando um aumento no número de vagas oferecidas de 4.385 para 8.740, considerando todos os cursos existentes na UFVJM. A universidade também firmou o compromisso de redução das taxas de evasão com políticas que permitam a permanência dos discentes com dificuldades financeiras nas cidades de Diamantina e Teófilo Otoni”.

⁷ Dados encontrados no Relatório de Gestão de 2020 da UFVJM disponível em: <http://portal.ufvjm.edu.br/page/acesso-a-informacao/auditorias/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-2020/view>

⁸ O PDI é um planejamento elaborado por cada IES a partir da análise sistemática dos pontos fortes (competências) e fracos da instituição, assim como dos fatores externos que possam afetá-la, com o objetivo de formular ações estratégicas para aumentar a competitividade e seu grau de resolutividade

ampliar o seu espaço de atuação, intensificar o exercício fundamentado no tripé ensino-pesquisa-extensão e assumir a liderança no âmbito regional em prol de um desenvolvimento equitativo e sustentável (Ufvjm, 2017, pág. 14).

Cabe frisar que a fundação da UFVJM está atrelada, ainda, a um período denominado por Trujillo (2013) como a quarta fase da internacionalização da Educação Brasileira em que a cooperação internacional, as pesquisas bi ou multilaterais, e a criação de universidades federais orientadas para internacionalização. Assim, ainda que enquanto FAFEID a UFVJM estivesse envolvida em projetos e atividades de internacionalização, “recebendo alunos do PEC-G” e “estabelecendo laços acadêmicos por parte de pesquisadores e docentes que estudaram no exterior” (UFVJM, 2018), a internacionalização passa a ser organizada de forma mais sistemática a partir da criação da UFVJM. Inclusive, de acordo com a Política de Internacionalização da instituição (UFVJM, 2018) até o ano 2006, não existia uma área específica de assessoria internacional e as atividades de internacionalização se realizavam por meio da Reitoria.

No primeiro PDI localizado para análise, o Plano 2012-2016⁹, a internacionalização é mencionada entres os objetivos, considerando o fortalecimento de intercâmbios, acordos e convênios com instituições nacionais e internacionais. Neste mesmo PDI, são metas relacionadas à internacionalização:

- Aumento do número de estudantes PEC-G em cursos ofertados pela UFVJM em 30%;
- Participação efetiva em até 50% dos discentes da UFVJM no Programa Ciência sem Fronteiras, veiculando os editais e orientando os acadêmicos sobre a obtenção de documentos comprobatórios e obtenção de vistos;
- Aumento em 30% da participação da UFVJM em redes de cooperação científica internacionais;
- Consolidação do Centro de Idiomas como instrumento da internacionalização, ofertando e ampliando as vagas para cursos de Inglês, Espanhol, francês e Alemão nos *campi* da UFVJM;
- Aumento das oportunidades de internacionalização pela oferta de cursos de português para estrangeiros, num aumento de alunos estrangeiros de até 50%;
- Aumento das oportunidades de participação dos alunos da UFVJM em cursos intensivos de línguas estrangeiras em países de América Latina, Estados Unidos e Canadá.

Percebemos que as metas da instituição estiveram embasadas no reforço à participação existentes na época, bem como a consolidação de cursos de línguas estrangeiras e também português para estrangeiros, demonstrando estratégias para internacionalização em casa e mobilidade internacional. Trata-se de uma organização inicial e ainda bastante incipiente da dinâmica da internacionalização na universidade.

Cabe salientar uma meta audaciosa do PDI 2012-2016 sobre ter 50% dos alunos participando do CsF não foi cumprida. Como afirma Góes (2021, p. 81)

Na verdade, essa meta, poderia ser considerada irreal. Já que mesmo com o apoio financeiro do CsF, muitos discentes não conseguem arcar com os custos pré viagem, como por exemplo, obter passaporte e visto. Além disso, a meta também não considerou os pré-requisitos do programa como, por exemplo, a proficiência de língua inglesa, para termos a dimensão da probabilidade de realizar esta meta.

Na tabela abaixo podemos verificar a quantidade de alunos em mobilidade entre 2012 e 2015.

⁹ De acordo com Goes (2021), no relatório de gestão do ano de 2011, não há menção à internacionalização da UFVJM, ou às palavras: mobilidade, relações internacionais, ou DRI. No relatório de gestão do ano de 2012, consta o valor de 21.898,80 (vinte um mil, oitocentos e noventa e oito reais e oitenta centavos) para o fortalecimento da diretoria de relações internacionais da UFVJM. No documento constam também os objetivos e as metas referentes às Relações Internacionais e Mobilidade Acadêmica.

Tabela 1: Quantidade de bolsas CsF na UFVJM

Países	2012	2013	2014	2015
Austrália	1	24	-	2
Canadá	3	20	3	-
Espanha	13	4	-	1
Estados Unidos	8	32	84	2
Portugal	13	-	-	-
Alemanha	-	4	3	-
China	-	2	1	-
França	-	10	1	-
Hungria	-	2	12	3
Itália	-	11	3	-
Reino Unido	-	2	1	-
Irlanda	-	14	8	3
Noruega	-	-	2	-
Japão	-	-	1	-
Holanda	-	2	-	-
Total	38	127	119	11

Fonte: DRI-UFVJM. (GÓES, 2021, pp. 82-83)

A partir da tabela também verificamos que o principal destino das mobilidades foram os Estado Unidos, o que vai ao encontro da dinâmica de mobilidade em todo o Brasil nacional neste período e indicam uma perspectiva hegemônica de internacionalização. Góes (2021) traz outros elementos internos que dão luz a esta questão:

Um dos motivos encontrados para justificar a disparidade entre os EUA e as outras colocações da tabela, referem-se, primeiramente, a quantidade de bolsas oferecidas pelo país nas chamadas do CsF, segundo, aceite do Toefl ltp como prova de proficiência, já que o teste era aplicado gratuitamente na UFVJM, e, por último a nota de proficiência que inicialmente era 437 pontos até 2014, e depois subiu para 525 pontos já em 2015 (p.88)

A despeito da discrepância do número de bolsas conseguido pelas IES (considerando uma comparação estadual), o cancelamento do CsF significou perda expressiva dos recursos para a internacionalização para todas as universidades, bem como significativos avanços em relação ao processo de mobilidade internacional. Conforme nos apresenta Góes (2021, p.89) os resultados do CsF foram considerados positivos para a UFVJM:

Em apresentação realizada pelo DRI no ano de 2014, foram mencionados os benefícios da participação da UFVJM no Ciência Sem Fronteiras, entre eles estiveram: visibilidade desta IES em Minas Gerais, no Brasil e no exterior; oportunidade de mobilidade para alunos de graduação e pós-graduação independentemente da sua condição socioeconômica.

O congelamento do Ciência sem Fronteiras (CsF) também é um elemento apresentado como problema/um limitante para a internacionalização, exigindo que a IES organize outras frentes de promoção da internacionalização. Cabe ressaltar que de acordo com o Painel de Investimentos do CNPq (CNPQ, 2016), a UFVJM foi contemplada com 305 bolsas, ao longo da vigência do referido programa, sendo 304 delas na modalidade Graduação Sanduíche no exterior e uma para Doutorado no exterior. Desse modo, conforme consta no PDI da instituição, a DRI passa a organizar a dinâmica de internacionalização com a participação em projetos de mobilidade internacional que têm como base o financiamento externo (Erasmus +, Branetec, Brafitec) e acordos bilaterais com universidades estrangeiras.

São metas apresentadas pelo referido documento para Internacionalização da instituição:

- Expandir e internacionalizar o **ensino também por meio da modalidade EAD**, com oferta de cursos de capacitação e de extensão.
- Planejar, orientar, promover e coordenar o processo de planejamento de programas, projetos e atividades de cooperação internacional no campo da educação superior, em articulação com as Pró-reitorias de Graduação, Pesquisa e Pós-graduação, de Extensão, e de Assistência Comunitária e Estudantil.
- Fortalecer as relações com instituições que destinam recursos a projetos internacionais com o Brasil.
- Aumentar o número de estudantes PEC-G em cursos ofertados pela UFVJM em 30% em 5 anos.

- Aumentar o número de estudantes inseridos em Programas de Iniciação Científica da CAPES com foco em mobilidade internacional em 20%.
- Aumentar em 30% a participação da UFVJM em *redes de cooperação científica internacionais*
- Consolidar o Centro de Línguas e Culturas como instrumento da internacionalização, ofertando e ampliando as vagas para cursos de Inglês, Espanhol, Frances e outras demandas.
- Aumentar oportunidades de internacionalização pela oferta de cursos de português para estrangeiros com aumento de alunos estrangeiros de até 50%.

Conforme indica a Política de Internacionalização da IES (2018), busca-se:

aumentar o compartilhamento do conhecimento por meio do uso de tecnologias existentes que aproximem as parcerias internacionais, a exemplo do uso de teleconferências e skype. Para atingir esse objetivo usa como instrumento institucional a EAD para executar projetos educativos, destacando-se a parceria com instituições argentinas interessadas no uso da EAD para o ensino de matemática e língua espanhola. Além disso, pretende-se buscar a construção de um modelo de EAD para o ensino do português em universidades argentinas e americanas. (UFVJM, 2018, p.12)

Interessante notar que uma alternativa à mobilidade acadêmica é EAD, mesmo em um momento que antecede a pandemia e o ensino remoto emergencial, o que indica a busca de soluções para internacionalização em um momento de influxo de investimentos, bem como intencionalidades em relação ao fortalecimento da EAD (também nesta frente). Ainda assim, são apresentadas metas em termos de mobilidade acadêmica:

- participar de projetos de mobilidade internacional que tem como base o financiamento externo, a exemplo do Erasmus +, Branetec, Brafitec, de acordos bilaterais com universidades estrangeiras e com os Companheiros das Américas. (pág. 119)
- Divulgar programas de mobilidade acadêmica e oportunidades de bolsas de estudos junto a Diretora de Comunicações. (pág.120)
- Aumentar as oportunidades de participação dos alunos da UFVJM em cursos intensivos de línguas estrangeiras em países de América Latina, Estados Unidos da América e Canadá em 15%. (pág. 121)

Para a PG, é colocado como meta “Estímulo e apoio aos professores da UFVJM a buscarem e firmarem parcerias de cooperação em pesquisa com outras instituições de ensino e pesquisa e com a iniciativa privada, para intercâmbio entre estudantes, estágios e desenvolvimento conjunto de pesquisas” (p.61), o que está em consonância com a máxima das políticas indutivas em relação à internacionalização mais recentes: a formação de redes de pesquisa.

O PDI elaborado em 2021 e que será vigente até o final de 2025 ainda está em fase de construção. Todavia, consideramos oportuno analisar os dados do documento socializado com a comunidade acadêmica. O documento apresenta como missão da IES “produzir e disseminar o conhecimento científico tecnológico e a inovação em todos os campos do saber e participar da transformação das pessoas dos nossos territórios de abrangência” (pág. 4). Traz, ainda, os mesmos valores descritos no Plano Estratégico Institucional do MEC (2020-2023)

São pontos relacionados à internacionalização:

- Direcionar para os diferentes cursos e unidades competentes as ofertas de cursos, reuniões e atividades científicas no exterior, que propiciem a melhoria da qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão da UFVJM.
- Receber delegações de instituições de ensino e pesquisa de outros países.
- Preparar a atualização do material de divulgação da Diretora de Relações Internacionais em vários idiomas.
- Apoiar as demandas da UFVJM por tradução de documentos em inglês e espanhol.
- Incentivar a internacionalização nos programas de pós-graduação (pág.10)
- Desenvolvimento regional e projeção da UFVJM no cenário nacional e internacional (pág.5)

Especificamente sobre o a internacionalização na PG, os itens em *itálico* merecem destaque, uma vez que reforça a tendência de fortalecimento da internacionalização na Pós-Graduação, de modo alinhado às políticas de internacionalização do Governo Federal deste momento histórico.

Cabe frisar que a UFVJM não está entre as universidades selecionadas o Programa Institucional de Internacionalização - CAPES-PrInt.

Em linhas gerais, os Planos de Desenvolvimento Institucionais analisados indicam que a internacionalização é um objetivo da universidade e que vem sendo trabalhado em diferentes instâncias, todavia, de forma desarticulada e sem um projeto claro de internacionalização. O ápice da organização da internacionalização na IES esteve atrelada ao CsF, o que fez com dinâmicas anteriormente não estruturadas fossem organizadas, especialmente no que se refere aos cursos de línguas. O cancelamento do programa e o subsequente corte de recursos indica certo esvaziamento da questão, ainda que, em 2018, IES tenha elaborado uma Política de Internacionalização, o que significou um avanço em termos de organização da área. Conforme afirma Góes (2021, p.112)

A UFVJM procura demonstrar que continua comprometida com a internacionalização, após o CsF. Ainda que essas ações estejam ocorrendo, a criação de uma política de internacionalização é passo crucial para o estabelecimento de metas tangíveis (...)

A Política também define o que entende como mobilidade, sendo esta uma das principais atividades de internacionalização da instituição:

Entende-se por “mobilidade”, no âmbito desta Política de Internacionalização, o livre trânsito de docentes, de discentes e de pessoal técnico-administrativo entre a UFVJM e as instituições parceiras, devidamente amparados por acordos de cooperação.

A mobilidade de docentes, alunos de Graduação e técnicos administrativos deverá seguir o disposto em editais e resoluções específicos. A mobilidade dos alunos de Pós-Graduação será regulamentada pelos respectivos Programas, privilegiando-se a cotutela de tese e a dupla titulação, para os alunos de Doutorado, e acordos específicos para os alunos de Mestrado.

Os alunos estrangeiros poderão ser matriculados na UFVJM nas seguintes situações:

- I. aluno estrangeiro regular que, tendo sua permanência no Brasil devidamente legalizada, ingressa nos cursos da UFVJM pelos processos de seleção regulares, por programas ou acordos de cooperação dos quais a UFVJM seja signatária ou editais específicos para refugiados;
- II. aluno estrangeiro em mobilidade que ingressa na UFVJM por um período curto, de um ou dois semestres letivos, na graduação ou na pós-graduação, sem direito à obtenção do respectivo título.

Em 2019, também aconteceu a implementação da Comissão de Cooperação Acadêmica e Mobilidade Internacional (CCAMI). A comissão teria como objetivo auxiliar a DRI nos acordos de cooperação internacional e acompanhar a mobilidade acadêmica. De acordo com as informações vinculadas no portal da UFVJM, a CCAMI visa também:

- III. obter representação de cada unidade acadêmica no levantamento, análise e juntada de documentação para celebração de acordos de cooperação internacional;
- IV. acompanhar a mobilidade internacional (de docentes, técnicos-administrativos e discentes) em cada unidade acadêmica por meio de seus representantes;
- V. dinamizar e expandir ainda mais a inserção da UFVJM no exterior com celebração de acordos de cooperação e intercâmbios com renomadas Instituições de Ensino Superior (IES);
- VI. incentivar a participação de seu corpo docente, técnico-administrativo e discente em atividades de caráter internacional, desde eventos de curta duração a estágios de pós-doutorado;
- VII. incentivar participação em eventos relativos à internacionalização da formação acadêmica voltados a docentes e alunos de Graduação e de Pós-Graduação;
- VIII. divulgar oportunidades de formação no exterior com bolsas ou auxílios (UFVJM, 2019).

Apesar de a proposta de uma comissão como espaço de interlocução entre as unidades acadêmicas no que tange ao tema ser uma importante forma de discutir e criar propostas mais efetivas e alinhadas para a IES, a Comissão não tem atuado efetivamente.

Cabe ressaltar que os programas de mobilidade internacional da PG têm acontecido por meio de editais lançados por grupos de cooperação internacional do qual a UFVJM faz parte, como GCUB (Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras).

A tabela que segue organiza a partir de dados fornecidos pela DRI, podemos observar o fluxos de estudantes em mobilidade *outgoing* e *incoming*:

Tabela 2: Quantidade de estudantes da UFVJM em mobilidade acadêmica

Ano		Alunos em Mobilidade Outgoing	Alunos em Mobilidade Incoming
2014	Graduação	124	10
	Pós-Graduação	0	10
2015	Graduação	27	5
	Pós-Graduação	0	10
2016	Graduação	12	7
	Pós-Graduação	5	2
2017	Graduação	3	3
	Pós-Graduação	2	1
2018	Graduação	3	2
	Pós-Graduação	3	3
2019	Graduação	3	6
	Pós-Graduação	N/C	N/C
2020	Graduação	0	2
	Pós-Graduação	N/C	N/C

Fonte: Dados cedidos pela Diretoria de Relações Internacionais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (2021)

Sobre os dados da mobilidade *incoming*, percebemos que eles são ainda pouco expressivos. De acordo com a Política de Internacionalização:

Esta IES desenvolve um sistema de informação na página da DRI para facilitar aos alunos estrangeiros uma adaptação rápida no país, tais como regularização da situação do estudante junto à Polícia Federal, mapas de localização, dados dos campi, tipos de acomodação, entre outros. Entre eles destaca-se o programa “Um estrangeiro no seu Lar” para que famílias de Diamantina recebam alunos que estão na mobilidade de internacional. (UFVJM, 2018)

Todavia, apesar das referidas importantes informações na página da DRI, uma questão básica, como versão do site da IES em outras línguas, ainda não está implementada. De acordo com informações fornecidas pela DRI, de 2016 a 2018, a universidade ofertava cursos de Português para Estrangeiros (PLE) em duas modalidades: curso intensivo de verão em julho (3 semanas). Em 2019 o curso intensivo foi descontinuado pela impossibilidade de fazer a gestão financeira por parte da Fundação (FUNDAEPE).

Também a Faculdade de Letras ofertava um curso gratuito de PLE de curta duração (conforme demanda) para alunos estrangeiros da graduação e pós-graduação com o objetivo de assistir aos alunos estrangeiros que já estão matriculados na universidade. A inexistência de um centro de línguas é uma barreira para a consolidação das ações de internacionalização.

A DRI faz a recepção dos alunos estrangeiros quando estes chegam à universidade por meio de acordos institucionais, prestando auxílio quanto aos trâmites internos de matrícula, acompanha os alunos em um tour pelos espaços do campus e presta assistência aos alunos, sempre que necessário, no decorrer da mobilidade. Todavia, é importante considerar que a equipe da DRI é muito reduzida, o que limita a sua atuação de forma significativa, fato que também é um indicativo do lugar que vem sendo dado aos processos de internacionalização na instituição e também é um desdobramento da redução de concursos públicos nas universidades públicas brasileiras, especialmente nos últimos cinco anos.

Conforme verificamos nos PDIs e na Política de internacionalização não há nenhuma política para atração de discentes de outros países, bem como docentes. Do mesmo modo, também não há uma ação de incentivo para qualificação internacional dos professores e técnicos da IES. Segundo informações da DRI, em alguns momentos foram realizadas ações (palestras, cursos) para apresentar possibilidades aos docentes, todavia, foram ações pontuais que não tiveram continuidade.

A avaliação do período que antecede a elaboração da política apresentada no próprio documento indica falta de ação conjunta da DRI, NuLi, Centro de Línguas e Cultura (Celic), PRPPG e outros atores, como se pode verificar no trecho que segue:

Quando tomado isoladamente o desempenho de cada um deles (PROGRAD, PRPPG, ICT, EAD e Centro de Línguas e Cultura), considera-se que o conjunto de ações tem uma avaliação positiva. Entretanto a DRI reconhece que seria possível avançar muito mais se houvesse uma sistematização das informações, o que poderia conduzir a um maior impacto no propósito de internacionalização desta IES. Portanto, a integração interna dos setores ligados à internacionalização com a DRI e a sistematização das informações constituem desafios a serem superados no curto e médio prazos. (Ufvjm, 2018, p.5)

É importante reforçar que a IES não possui um Plano de Internacionalização, o que indica que um projeto de internacionalização para a IES em sua especificidade ainda não foi elaborado..

Ademais, questões de ordem mais técnica, como tradução do site para outras línguas, apesar de constar nos Planejamentos Institucionais, ainda não foi concretizada.

Outras metas apresentadas no Plano de gestão de 2020 (Ufvjm, 2020) são:

- **Ofertar disciplinas de graduação e pós-graduação em língua estrangeira e reunir dados internos para participação em rankings internacionais de universidades** (pág. 6)
- Atualizar a política de ensino com o objetivo de melhorar os **indicadores acadêmicos** (pág. 6)
- Implementar o projeto de EMI - Inglês como meio de instrução na UFVJM. (pág.17)

Os itens em negrito indicam um aprofundamento no alinhamento da UFJM aos indicadores de qualidade globais (especialmente os rankings acadêmicos, bem como aprofundar a elitização da pós-graduação com oferta de disciplinas em línguas estrangeiras e a própria elitização da universidade, ofertando disciplinas em inglês durante a graduação).

O EMI (que pretendia ser implementado), caracteriza-se pela aplicação total ou parcial do Inglês em atividades acadêmicas e ao ministrar disciplinas. O programa começou a ser implementado no Brasil em 2016 a partir de cursos ministrados pelo *British Council* e treinamentos ofertados pela Universidade de Oxford em parceria com a Universidade Federal do Paraná.

O objetivo principal do EMI é a padronização da transmissão de conhecimentos, facilitando a sua socialização. Porém há ainda como resultado o aperfeiçoamento da proficiência linguística dos participantes. A opção pela língua inglesa como o idioma da Internacionalização se dá pelo fato de o mesmo ser a língua da globalização que, mesmo não sendo sinônimo de internacionalização, permeia toda a sociedade e suas relações.

Junto às propostas do EMI surgem diversas questões sobre sua aplicabilidade, principalmente em relação a “língua de instrução”, ou seja, o inglês. Questões como “Seria: (1) a(s) língua(s) falada(s) pelo professor?; (2) a(s) língua(s) das referências bibliográficas?; (3) a(s) língua(s) que os alunos utilizam para falar entre si?” (BAUMVOL; SARMENTO, 2016, p. 74). A aplicação de disciplinas em uma língua adicional pode se dar em diversos cenários, como por exemplo: (1) a língua adicional não é a língua materna do professor e dos estudantes; (2) a língua adicional é a língua materna do

professor, mas não dos estudantes; (3) a língua adicional é a língua materna do professor e de parte dos estudantes; entre inúmeros outros.

Outras questões relacionadas à aplicabilidade do EMI seriam voltadas ao preparo de discentes e docentes em relação ao uso de uma língua adicional e sobre a exclusividade do uso do Inglês como língua de instrução. Precisamos levar em consideração que, de acordo com dados de uma pesquisa realizada pelo *British Council*, apenas 5% da população brasileira sabe se comunicar em Inglês, sendo que apenas 1% é realmente fluente. Precisamos considerar também que vivemos no único país da América Latina cujo idioma oficial é o Português, e que estamos ladeados por países cujo idioma oficial é o Espanhol.

Pensar a questão para o contexto da UFVJM requer aprofundamento sobre como o programa tem sido implementado nas universidades brasileiras e os seus resultados, bem como perguntas importantes, dentre as quais destacamos: qual porcentagem de discentes se beneficiaria com isso? Quantos docentes poderiam dar aulas em inglês de forma satisfatória? Os docentes ministrariam duas vezes as disciplinas (em duas línguas)? O programa não poderia ter como desdobramento a criação de nichos elitizados a partir da diferenciação de disciplinas? Não poderia acabar criando barreiras para o acesso a cursos e disciplinas que optem por esse formato? O programa está em consonância com a missão da universidade, especialmente no que se refere ao comprometimento para o desenvolvimento regional? E, por fim, e não menos importante: por que o inglês ou apenas o inglês? Para esta última pergunta cabe uma reflexão para além do discurso hegemônico sobre o inglês ser a língua franca da academia.

Outro ponto levantado na meta institucional trata-se da adequação aos rankings internacionais, como trataremos no item que se segue.

A UFVJM em Rankings Universitários

Para Leal (2020) e Thiengo (2018), os indicadores dos rankings estão concentrados em: 1) Pesquisa de ponta (publicações, impacto, áreas estratégicas, ênfase na pós-graduação); 2) Concentração de talentos (internacionalização, prêmios Nobel/Medalha *Fields* ou reputação/reconhecimento); 3) Qualidade de ensino (relação aluno/professor e/ou bacharéis/phds + cultura da excelência)

No que se refere especificamente à categoria 'perspectiva internacional', percebe-se que este é um componente comum entre os rankings. Nela são contabilizados o *número de estudantes e professores internacionais e os artigos em colaboração com instituições internacionais*. Todavia, é importante considerar que o indicador de internacionalização é paralelo a outros, como: a qualidade do corpo docente (na medida em que há um 'mercado de cérebros' que move professores e alunos de prestígio entre universidades em todo o mundo); investimento em pesquisa em redes de colaboração; e as publicações em revistas internacionais (em inglês), dentre outras. Essa relação do indicador para com os demais indica a relevância da internacionalização para alcançar melhores posições nos rankings.

Neste sentido, como afirmam Morosini (2011) e Leal (2020) nos países latino-americanos, inclusive o Brasil, a relevância dos rankings para a formulação de políticas públicas bem como para a gestão universitária vem assumindo relevância significativa de modo articulado à lógica da internacionalização.

Considerando o exposto, analisamos a presença da UFVJM em quatro rankings, sendo um nacional (Ranking Universitário da Folha), um chinês (o já mencionado ARWU) e dois britânicos (*Times Higher Education* e *QS World University Ranking*), até o ano de 2021. A UFVJM encontrava-se presente (até 2021) no Ranking Universitário da Folha (RUF). Este ranking compromete-se em avaliar e classificar todas as universidades brasileiras, e tem como critérios de avaliação ensino, pesquisa, inovação, internacionalização e a procura no mercado de trabalho por profissionais formados nas instituições.

No que se refere especificamente ao item internacionalização, são consideradas: 1) citações internacionais por docente (Média de citações internacionais recebidas em 2016 pelos trabalhos dos docentes da universidade (*Web of Science*), o que corresponde a 2% da nota total e 2) Publicações em coautoria internacional (Percentual de publicações de 2011 a 2015 em parceria com pesquisadores estrangeiros em relação ao total de publicações da instituição - *Web of Science*, o que corresponde a 2% da nota.

Apesar de a internacionalização significar apenas 4% do ranking é preciso considerar seu caráter transversal em relação aos outros indicadores, especialmente, o indicador pesquisa (42%). Neste indicador, a produção científica dos professores é valorizada, bem como citações, bolsistas produtividade, teses defendidas e publicação. Podemos pois inferir que em todos esses itens o componente da internacionalização se faz presente quando consideramos a questão da cada vez maior exigência dos textos em inglês (até mesmo nas revistas nacionais), a política de avaliação de periódicos, que incentiva trabalhos internacionais ou em co-autoria e até mesmo os critérios de avaliação da PG e os editais de Bolsa Produtividade. Em todos eles, a internacionalização é considerada.

Considerando o exposto, apresentamos na tabela que segue a posição da UFVJM em pesquisa, ensino e internacionalização ao longo dos anos:

Tabela 3: UFVJM no Ranking Universitário da Folha¹⁰

Ano	Posição Geral	Ensino	Pesquisa	Internacionalização	Total de IES
2012	94°	40°	81°	N/C	188
2013	71°	40°	77°	148°	192
2014	131°	138°	76°	120°	192
2014	97°	100°	69°	122°	192
2016	86°	81°	64°	120°	195
2017	87°	83°	67°	113°	195
2018	81°	65°	69°	122°	196
2019	103°	105°	70°	117°	197
2020	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C

Fonte: RUF (2021)

Ao olharmos para um cenário permeado por políticas de indução da internacionalização acadêmica, especialmente no que se refere à Pós-Graduação e a pressão que vem as Universidades vêm sofrendo para adequação aos rankings acadêmicos nacionais e internacionais, cabe uma provocação: como desenvolvimento regional e equalização das desigualdades regionais convive com a dinâmica pró-internacionalização e ranqueamentos? Essas são questões que estão norteando pesquisas que dão continuidade a este mapeamento inicial mas também são questões que a maioria das instituições de educação superior brasileiras estão enfrentando.

Considerações Finais

O processo de internacionalização não pode ser analisado de forma desarticulada da globalização neoliberal, uma vez que promove a crescente atividade transfronteiriça das instituições de ensino, a efetivação de um 'mercado da mobilidade internacional', bem como passa a englobar ensino a distância, o consumo de serviços no exterior, abertura de filiais das instituições em solos estrangeiros, circulação ou 'fuga de cérebros' (Akkari, 2011).

Estudar o lócus da UFVJM implica então considerar como essas tendências globais tem se manifestado nas políticas nacionais e especialmente na gestão da internacionalização institucional. Considerando os elementos apresentados ao longo da pesquisa - que são limitados - por ora, podemos perceber que o processo de internacionalização na instituição é ainda inicial e ocorre de maneira bastante difusa. A criação de uma Diretoria de Relações Internacionais (ainda que com poucos funcionários) e de uma Política de Internacionalização (2018) demonstram, contudo, que há interesses no reforço da dinâmica internacional na instituição, objetivos que também visualizamos nos PDI's.

Todavia, cabe frisar que, ainda que o processo de internacionalização esteja ocorrendo de forma difusa, os elementos analisados indicam para a perpetuação da visão hegemônica de internacionalização, priorizando a relação norte-sul, o predomínio da língua inglesa e a submissão aos critérios dos rankings acadêmicos.

¹⁰ Cabe destacar que o Ranking da Folha adequa a UFVJM em universidades com mais de 50 anos, o que 'prejudica' a 'classificação' da IES.

Cabe ressaltar a necessidade de uma discussão mais ampla com a comunidade sobre a internacionalização da IES e seu alinhamento com as propostas e missões da instituição. Ademais, são elementos pontuais que precisam ser melhor organizados pela instituição: maior integração entre a DRI e demais pró-reitorias (especialmente de pesquisa), sobretudo em termos de compartilhamento de dados e participação em projetos, editais e redes; incentivar a qualificação dos profissionais que trabalham nesta diretoria para que consigam colaborar de forma mais qualificada com a internacionalização da IES para além do *modus operandi* burocrático e intensificado que parte das políticas indutivas do Governo Federal e agências de pesquisa; e a ampliação do quadro de funcionários para que, de fato, seja possível planejar, alinhar e desenvolver propostas reais e significativas de internacionalização.

De modo geral, o caso da UFVJM nos ajuda a refletir, considerando a relação particular-geral, que a busca pela internacionalização precisa sair do campo de “desejo” e “status” das instituições e dos professores, e passarem a expressar, efetivamente, um sentido, um significado para cada IES – o que torna-se algo cada vez mais difícil com o avanço da lógica do capitalismo acadêmico, as políticas de indução e avaliação da PG e a pressão das avaliações e ranqueamentos que visam homogeneizar as instituições em termos de “ponto de chegada”. Em resumo, a internacionalização do ensino superior oferece oportunidades valiosas, mas necessita ser abordada com sensatez para não comprometer a missão de inclusão social e o papel das instituições na sociedade em que estão inseridas. Assim, é imperativo encontrar um equilíbrio/relação entre a internacionalização e o compromisso social das instituições para que a busca por resultados, notas e lugares em rankings não defina em absoluto as funções das universidades na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

Akkari, A. (2011). *A internacionalização das políticas educacionais: transformações e desafios*. Vozes.

Ferreira, S. (2019). As políticas de expansão da Educação Superior do Governo Lula da Silva (2003-2010). *Revista De Educação PUC-Campinas*, 24(2), 225–239. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v24n2a4124>

Góes, L.N. (2020). *O Ciência Sem Fronteiras na Ufvjm: um estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Frigoto, G. (1991). O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: *Metodologia da pesquisa educacional*. (pp. 69-90). Cortez.

Knight, J. (2012) Student mobility and internationalization: trends and tribulations. *Research in Comparative and International Education*, 7(1), 20-33. <https://doi.org/10.2304/rcie.2012.7.1.20>.

Knight, J.; De Wit, H. (2018). Internationalization of higher education: Where have we come from and where are we going? In: *The future agenda for internationalization in higher education: Next generation perspectives into research, policy, and practice*. Routledge.

Leal, F.G. (2020). *Bases epistemológicas dos discursos dominantes de ‘internacionalização da educação superior’ no Brasil*. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Administração. Universidade do Estado de Santa Catarina.

Meneses, C.S; Santos, A. T.O. (2019). A Implantação do Programa REUNI na UFVJM sob a ótica dos Bacharelados Interdisciplinares e Engenharia. *Research, Society and Development*, 8, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662202006>

Morais, S. S (2012). *Múltiplos regressos a um mundo cosmopolita: moçambicanos formados em universidades brasileiras e a construção de um sistema de prestígio em Maputo*. (Dissertação Mestrado em Antropologia). Universidade de Brasília.

Marginson, S.; Rhoades, G. (2002). Beyond national states, markets, and systems of higher education: A glonacal agency heuristic. *Higher Education*. Kluwer Academic Publishers. 43 https://www.researchgate.net/publication/226037618_Beyond_national_states_markets_and_systems_of_higher_education_A_glonacal_agency_heuristic

Maués, O.C; Bastos, R.S (2017). Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro. *Porto Alegre*, 40(3),333-342, <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.3.28999>

Morosini, M. (2011). Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. *Educação em Revista*, 27(1), 99-112. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100005&lng=pt&tlng=pt.

Morosini, M. C., Nascimento, L. M. do (2017). Internacionalização da educação superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações. *Educação em Revista*, 33. <https://doi.org/10.1590/0102-4698155071>

Thiengo, L.C. (2018). *Universidades de Classe Mundial e o consenso pela excelência: tendências globais e locais*. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Santa Catarina.

Trujillo, A. M. (2013). *Estudo analítico da legislação vigente sobre os acordos de cooperação internacional, assinados pelo Brasil; bem como suas implicações no atual cenário da mobilidade acadêmica com outros países*. Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, Brasília, 13. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13942-produto-1-revalidacao-diplomas-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192

Organización Panamericana de la Salud. (2017). *Estrategia de cooperación de la OPS/OMS con Argentina, 2017-2021*. https://iris.paho.org/OPSARG17023_spa.pdf?sequence=5&isAllowed=y

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri. (2012). *Plano de Desenvolvimento Institucional, PDI 2012 – 2016*. http://www.ufvjm.edu.br/formularios/doc_view/4632-.html

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri (2018). *Política de internacionalização*. http://www.ufvjm.edu.br/formularios/doc_view/6817-.html?lang=pt_BR.utf8%2C+pt_BR.UT

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri. (2012). *Plano de desenvolvimento institucional 2017-2021*. http://media.ufvjm.edu.br/content/uploads/sites/105/2017/07/PDI_2017_2021-2.pdf

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri. (2014). *Relatório de Gestão de 2013*. <http://portal.ufvjm.edu.br/page/acesso-a-informacao/auditorias/relatorios-de-gestao/relatoriode-gestao-2013/view>.

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri. (2015). *Relatório de Gestão de 2014*. <http://portal.ufvjm.edu.br/page/acesso-a-informacao/auditorias/relatorios-de-gestao/relatoriode-gestao-2014/view>.

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri. (2016). *Relatório de Gestão de 2015*. <http://portal.ufvjm.edu.br/page/acesso-a-informacao/auditorias/relatorios-de-gestao/relatoriode-gestao-2015/view>.

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri. (2018). *Resolução nº 16/2018, de 26 de abril de 2018 - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Dispõe sobre a Política de Internacionalização da UFVJM*. http://www.ufvjm.edu.br/formularios/doc_download/6848-.html?lang=pt_BR.utf8%2C+pt_BR.UT.

Universidade Federal Dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri (2019). Portaria n.º 3674, de 13 de dezembro de 2019 - Conselho Universitário Dispõe sobre a criação e composição da Comissão de Cooperação Acadêmica e Mobilidade Internacional - CCAMI/UFVJM. <http://www.ufvjm.edu.br/dri/acordos/2449-ccami.html>.

Fecha de recepción: 1-9-2023

Fecha de aceptación: 9-10-2023